

O uso do gás natural

por Luis Leonel
de São Paulo

O Brasil começa a descobrir o gás natural como fonte energética. O gás representa, hoje, cerca de 2% da matriz energética do País, mas poderá aumentar para algo entre 6 e 8% até o final do governo do presidente Fernando Collor de Mello. Em São Paulo, representa 0,5% da matriz mas deve saltar para 3% até o término da gestão do governador Luiz Antônio Fleury Filho.

Entre as vantagens do gás natural, duas podem ser destacadas: a) sua queima mais uniforme permite a certos segmentos industriais — como o cerâmico e o de vidros, por exemplo — obter um produto final de melhor qualidade; b) sua baixa carga de poluentes torna-o particularmente atraente para usos grandes centros urbanos.

A região metropolitana de São Paulo, com uma fro-

ta de 13 mil ônibus urbanos, consome para movimentá-los 48 milhões de litros de diesel por mês. Isso resulta em 68 toneladas diárias de dióxido de enxofre jogadas na atmosfera, segundo informações da Secretaria Estadual de Energia e Saneamento. O secretário, José Fernando Boucinhas, quer converter a frota paulista para gás natural.

Segundo ele, como a vida útil de um ônibus é de cerca de dez anos, em tese esse seria o prazo para a conversão total da frota da região metropolitana. O preço maior do ônibus a gás, comparado ao diesel, e a falta de uma infra-estrutura de distribuição de gás já montada, porém, tornam praticamente impossível a conversão total nesse prazo.

Empresas distribuidoras como a Shell, a BR, a Ipiranga e a Atlantic estão assinando acordos com a Companhia de Gás de São Paulo (Comgás) para instalar postos de gás compri-

mido no estado e abastecer a frota de ônibus da região metropolitana. A instalação de um posto, incluindo o compressor necessário para viabilizar o uso automotivo, custa pouco mais de US\$ 1 milhão. Além de São Paulo, os planos dessas empresas incluem outros centros urbanos importantes, como Rio de Janeiro, Recife, Fortaleza, Salvador e Vitória, entre outros, onde já rodam 99 ônibus a gás hoje.

“O nó da questão, entretanto, é a falta de gás”, diz Boucinhas. A Petrobrás está entregando a São Paulo, atualmente, 750 mil metros cúbicos de gás natural por dia, sendo que o mercado poderia consumir imediatamente 1,2 milhão de metros cúbicos se fossem disponíveis. Um estudo da Companhia Energética de São Paulo (CESP) calcula que o potencial de mercado para gás natural em São Paulo seria de 6,5 milhões de metros cúbicos diários ao final deste ano, de 16,7 milhões em 1995 e de 20 milhões no ano 2000.

Esse estudo será mostrado à direção da Petrobrás pelo presidente da CESP, Fernando Cunha, encarregado pelo governador Fleury de negociar com a estatal de petróleo a expansão da oferta de gás natural para São Paulo. “Vamos mostrar à Petrobrás o potencial da demanda de São Paulo. Se a Petrobrás disser que não pode aumentar a oferta, vamos importar o produto”, afirma Cunha. “Não podemos condicionar uma política de governo aos desígnios da Petrobrás”, completa Boucinhas.

A Petrobrás está comercializando, hoje, 7,2 milhões de metros cúbicos por dia de gás natural no País. A expectativa é de um crescimento na oferta de gás natural na mesma proporção da oferta de petróleo, já que 80% do gás natural extraído pela estatal é associado ao óleo, explicou o engenheiro de produção da divisão de gás da estatal, José Luiz Marcusso, à editora Fátima Belchior, do Rio.

“A Petrobrás vai colaborar com o governo e viabilizar o cumprimento da meta de aumentar a participação do gás natural na matriz energética do País”, garantiu o secretário Nacional de Energia, Armando Ribeiro de Araujo.